

Laura Felizardo: memórias de uma mulher bantu capixaba

São muitas as lembranças que circundam a memória de Laura Felizardo. Nascida no Morro do Feijão, em João Neiva, em maio de 1928, Dona Laura é reconhecida como matriarca da cultura bantu no Espírito Santo e aos 89 anos é um dos mais importantes nomes da representatividade e história afro-capixaba. Moradora do Centro de Vitória, ela recorda os tempos que passou na “roça”, em um remanescente de quilombo, no qual ajudava na lavoura em meio a plantios de café, mandioca, milho, feijão e banana.

Na infância Dona Laura costumava brincar de bonecas feitas à mão pela mãe, Alzira, que era costureira e bordadeira. Das refeições, rememora o sabor da comida caseira composta por carnes de boi, porco e galinha, muita verdura e os bolos e doces que a mãe produzia. Narciso Felizardo, seu pai, foi para Dona Laura e a comunidade ao redor, uma figura de extrema força. Era profundo conhecedor de ervas e plantas e atuava como respeitado curandeiro “Qui-banda”. Ele era reconhecido como “Senhor da Natureza” e tornou-se a referência religiosa do lugar. “Ele indicava banhos, fazia remédios e oferecia rezas. Além disso, tinha premonições e adivinhava o tempo. Muitas pessoas vinham procurá-lo”, conta a filha.

O seu avô foi um dos precursores do congo no Estado, e era mestre capitão, fazendo com que a sua casa estivesse constantemente repleta de sons e de danças. O folclorista Guilherme dos Santos Neves, no livro “Coletânea de estudos e registros do folclore capixaba”, conta como eram as comemorações nessa região ao descrever a “Festa do Mastro” em São Benedito, ocorrida no distrito de Acióli, em João Neiva, no dia 6 de janeiro de 1962. O relato, inclusive, cita a participação do avô de Dona Laura, Felizardo Claudino.

“Desde cedo o povo afluía ao centro da cidade, onde, em elevação a que se chega por longa escadaria, se ergue a igreja, ampla e nova. A afluência cresceu quando, do Morro do Feijão – lugarejo vizinho



Dona Laura recebendo uma homenagem na Assembleia Legislativa do Estado do Espírito Santo. Foto: Tati Beling.

– desceu o Congo da Alegria, sob a direção do mestre ou “capitão” Felizardo Claudino, com suas vinte figuras. Entrando na cidade, pipocaram foguetes, enquanto, ufana, a banda de congos entoava a sua marcha de chegada: O congo da alegria chegô. Oi já chegô, já chegô...”

Depois de visitar a igreja, conforme narra o autor, o congo foi buscar a bandeira de São Benedito, que após, foi conduzida por devotas à frente da banda. Os integrantes encaminharam-se todos à procura do Mastro, escondido em lugar afastado. Encontrado o Mastro, e com manifestações cada vez mais coloridas e vibrantes, ele foi carregado aos ombros de caboclos que percorrem vários pontos da cidade. Depois, voltaram à frente do templo, no qual, em meio a foguetes, tambores e cantos, o Mastro foi fincado com a bandeira no topo, oscilando ao vento.



Dona Laura e seu filho Paulo Fernandes no Centro de Vitória. Foto: Ricardo Medeiros.

Aos 10 anos, após a separação dos pais, Dona Laura foi trabalhar como babá e cozinheira para uma família em Colatina. “Eu fazia comida, cuidava de cinco crianças e arrumava a casa”, comenta. Segundo afirma, existia uma relação de muita afetividade com os meninos e meninas, que costumavam passar mais tempo com ela do que com a mãe. Aos 15, mudou-se para Vitória e por muitos anos atuou como babá e doméstica em diferentes locais.

O bailarino Paulo Fernandes, filho de Dona Laura, destaca a forte identidade da etnia bantu, que é proveniente da região Austral da África, em especial do Congo-Angola. Os seus membros, ao virem para o Brasil, se instalaram, em sua maioria, no Sudeste, em especial no Espírito Santo. Suas contribuições podem ser observadas, por exemplo, na língua, em palavras como camundongo, dengo, cafuné, moleque, farofa

e cochicho e também nos aspectos culturais, como o Jongo, Ticumbi a Folia de Reis. “Os bantus estão presentes nas tradições, costumes e religiosidade do povo brasileiro em diferentes aspectos. Conhecer a história dos bantus, exemplificada pela trajetória da minha mãe, é fazer da memória um processo de preservação”, comenta Fernandes.